

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

COLEÇÕES PARTICULARES: APLICAÇÃO DE CONCEITOS E LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE

PRIVATE COLLECTIONS: APPLICATION OF CONCEPTS AND SPECIALITY LANGUAGE

Laura Soares Maffei – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Luiz Carlos Borges – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: As coleções particulares de tipo familiar vêm sendo utilizadas, com mais frequência, no âmbito acadêmico como objeto de estudo, e apresentando muitas vezes uma gama de informações com significativo potencial patrimonial e museológico, a depender da perspectiva pelas quais são analisadas. Neste trabalho, vamos nos deter na análise de itens que fazem parte de uma coleção familiar formada por um importante representante do empresariado brasileiro. Obviamente, percebemos que documentos pessoais requerem, para sua interpretação, uma metodologia transdisciplinar, uma vez que demandam cruzamento com fontes externas, de maneira que possam revelar mais do que está explicitamente escrito. A interação existente entre os documentos analisados e o contexto social, político e econômico da época pode revelar, reforçar ou contradizer aspectos já mostrados por outras fontes. Trataremos, especificamente, de apresentar o excerto de correspondência pessoal, mediante o qual objetivamos compartilhar os resultados obtidos, bem como o caminho utilizado para alcançá-los. Acreditamos que, desta forma, contribuiremos para a mostrar a importância documental e científica de acervos e coleções pessoais.

Palavras-chave: museologia; patrimônio cultural; coleção familiar; informação em patrimônio.

Abstract: Private family collections have been used more frequently in the academic sphere as an object of study, and often present a range of information with significant patrimonial and museological potential, depending on the perspective from which they are analyzed. In this work, we will focus on the analysis of items that are part of a family collection formed by an important representative of the Brazilian business community. Obviously, we realize that personal documents require, for their interpretation, a transdisciplinary methodology, since they require cross-referencing with external sources, so that they can reveal more than what is explicitly written. The interaction between the analyzed documents and the social, political and economic context of the time can reveal, reinforce or contradict aspects already shown by other sources. Specifically, we will present the excerpt of personal correspondence, through which we aim to share the results obtained, as well as the path used to achieve them. We believe that, in this way, we will contribute to show the documentary and scientific importance of collections and personal collections.

Keywords: museology; cultural heritage; private family collection; cultural heritage information

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios ao se analisar academicamente coleções particulares, de tipo familiar, uma vez que, de certo modo, também implica em uma autoetnografia. Este trabalho tem como mote mostrar a aplicabilidade adequada da terminologia que atende aos campos da museologia, patrimônio e da ciência da informação aos estudos sobre coleções familiares¹. Também consiste, em parte, de um estudo de caso que tem por ênfase problematizar como os recursos metodológicos devem ser utilizados quando nos dispomos a lançar um olhar técnico sobre este tipo de coleção, visando identificar seu potencial histórico, patrimonial e museológico, independentemente de ter recebido tratamento técnico e/ou legitimação fora do âmbito familiar.

Averiguar como a utilização desses dispositivos teórico-metodológicos, assim como da transdisciplinaridade, à qual o campo museológico está intrinsecamente ligado, pode auxiliar na análise interpretativa dos objetos deste tipo de coleção é também uma questão que nos propomos a investigar, ainda que de modo parcial e contingente. Nossa finalidade é avaliar a viabilidade de submeter este tipo de coleção aos processos de musealização ou patrimonialização.

De certo, o colecionismo é uma prática que sempre esteve, se não formalmente desenvolvida, pelo menos empiricamente presente nas mais diversas culturas e sociedades (Pomian, 1984; Coutinho, 2017). Sabemos ser recorrente a análise de coleções (musealizadas ou não) mediante os recursos teóricos e conceituais que o campo científico já oferece. Em vistas disso, queremos propor uma breve reflexão do quão importante é também considerar o dispositivo teórico-metodológico no tratamento que se dispensa às coleções familiares. Sejam elas fruto do ato deliberado de alguém colecionar algo específico, ou do ato de guardar

¹ A base documental sobre a qual se fundamenta este trabalho constitui igualmente o material empírico a partir do qual se desenvolve a pesquisa de que resultará a dissertação de mestrado de um dos coautores.

objetos que, potencialmente, podem formar uma coleção. Ambas as motivações podem oferecer informações e contribuições para a formação de um acervo documental – sabendo-se que qualquer objeto tem potencialidade informacional - de interesse privado e/ou público.

No primeiro caso, habitualmente encontra-se uma determinada tipologia de itens reunidos, como por exemplo, obras de arte, livros, discos, selos, moedas, fotografias, jornais e revistas ou até mesmo objetos, cujo valor aparentemente pode ser considerado menor, como conchas, pedras, papéis de carta, isqueiros, chaveiros, dentre outros. Invariavelmente, objetos que, devidamente preservados, podem ser acrescidos com camadas de valores atribuídos pela subjetividade do colecionador, raridade, pela antiguidade, ou ainda pelo tempo sociocultural em que são avaliados, uma vez que a legitimação do valor de qualquer coleção está intrinsecamente ligada ao contexto social vigente no ato da avaliação. Já no segundo, a reunião de objetos pode ter uma motivação que poderá aproximar-se da preservação de vestígios mnemônicos, que, para além da rememoração individual (seja de um fato da história, de alguém, ou de uma família), pode auxiliar no entendimento e/ou releitura dos processos históricos ou socioculturais de uma coletividade. No entanto, em ambos os casos, invariavelmente, os itens de uma coleção passaram pelo processo de aquisição, seleção e conservação.

De acordo com Ulpiano Meneses (1998), existe no ser humano um impulso que o leva a colecionar, e que, combinado com uma disposição narcísica, muitas vezes culmina no ato de expor a outros olhares sua coleção. Pelo que o autor descreve, percebe-se que essa pulsão de pôr-em-exposição encontra sua razão de ser em movimentos do inconsciente². Podemos observar, em relação à coleção, que ela se caracteriza pelo valor de exposição a que se refere Walter Benjamin (1994). De todo modo, o colecionador, ou quem monta a coleção possuísse a intenção de comunicar algo. Como se, ao colecionar algo, o indivíduo estabelecesse mais um tipo de relação com o mundo. Em outras palavras, esse hábito poderá transcender as possibilidades demonstrativas de poder, riqueza, sapiência, do colecionador, posteriormente à sua morte. Quando esta relação é vivida pelo colecionador, cabe a ele as etapas de aquisição, seleção e preservação. Da mesma forma, estas são atribuições que os profissionais que

² Existe uma relação intrínseca entre acumular e colecionar, sendo a diferença entre essas duas pulsões, de um lado, o grau de obsessão e, de outro, a aceitação/legitimação social (Callataÿ, 2020).

reúnem objetos de outrem, com intuito de formar uma coleção, necessitam executar. Um exemplo são as coleções formadas por objetos de uma determinada pessoa após seu falecimento, como é o caso da coleção Manoel Ferreira Guimarães (doravante, coleção MFG).

Nascido em Bonsucesso, estado de Minas Gerais aos 03/09/1887 Manoel Ferreira Guimarães ocupou cargos de presidência, diretoria e conselho deliberativo de empresas como Panair, Mesbla, Banco de Minas Gerais e Phillips do Brasil e outras instituições como Fundação Athaulpo de Paiva, Fundação Getúlio Vargas, Pro-Matre, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Associação Beneficente Brasileira de Reabilitação, Associação Cristã de Moços, Associação Comercial do Rio de Janeiro, algumas destas, inclusive, beneficiadas testamentariamente pelo filantropo. Sua atuação laboral foi significativa em variadas áreas da economia brasileira, compôs a nata da elite carioca e exerceu sua influência nesses diversos segmentos.

Enfim, neste exercício analítico, visamos demonstrar a viabilidade e importância do uso de recursos técnicos-metodológicos e da linguagem de especialidade como ferramentas auxiliares para validar atribuição de valor patrimonial e museológico a este tipo de acervo e que, simultaneamente, contribuam para com o processo de musealização ou patrimonialização do mesmo e, ainda, consequentemente consolidem a terminologia científica das ciências envolvidas.

2 COLEÇÃO, INFORMAÇÃO, MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Fundamentamos nossa reflexão em teóricos da museologia e do patrimônio que abordaram o tema “coleções”. Além disso, buscamos o aporte necessário à compreensão da coleção em outros autores que desenvolveram estudos acerca dessa temática, em especial naqueles que podem nos indicar caminhos possíveis para que as coleções venham a ser patrimonializadas, a partir da carga de significados e camadas de valores a elas atribuídos.

O ato de colecionar tem importante papel social ao selecionar e reunir, em um novo arranjo, diversos bens culturais. Ao adquirir evidências da cultura material e reuni-las em coleções, sejam elas das mais diversas tipologias e procedências, o indivíduo pode contribuir na construção de referenciais para

a memória social, com os bens culturais. Muitas dessas coleções formadas ao longo da trajetória de vida de um colecionador, são posteriormente destinadas a museus, arquivos e bibliotecas, contribuindo assim para a preservação e disseminação da memória e identidade de um determinado grupo social. Esses bens ganham status de patrimônio por suas cargas de significados e valores que lhes são atribuídos socialmente. Muitos dos valores e significados são adquiridos ao longo da trajetória dos bens nas coleções privadas, que lhes agregam importância e valor (sic) (Coutinho; Rangel, 2022, p. 129).

Concordamos com Lima (2014) quando afirma haver, em determinados contextos, entrelaçamento temático dos conceitos da museologia e patrimônio. Ao analisar os processos que envolvem a musealização e a patrimonialização, a autora reconhece a abrangência dos mesmos em relação aos bens das categorias patrimoniais institucionalmente legitimadas. Similarmente ao trabalho realizado por instituições legitimadoras, ao lidarmos com uma coleção familiar, faz-se necessário considerar as correntes analíticas que existem nesses dois campos mediante as quais os especialistas fazem atribuição de valor aos bens que constituem uma coleção. Isso se faz necessário uma vez que, como qualquer outra disciplina científica, a museologia também se constitui como campo, segundo a definição que dá a esse termo Pierre Bourdieu (1989). Nesta perspectiva, a museologia se configura como um campo de disputas e controvérsias, sendo o museu considerado um agente institucional e porta-voz autorizado de determinadas leituras e interpretações. Outra forma de considerar a dimensão sociopolítica do museu, sem perder de vista a colocação bourdieuana, seria tratá-lo como um aparelho ideológico de sociedade (Borges, 1999).

As considerações acima ratificam a necessidade de, ao analisar qualquer objeto, utilizar ferramentas adequadas³, sobretudo, quando se trata de coleções familiares que, muitas vezes, são compostas por itens de diferentes suportes e tipologias, incluindo itens de natureza sensível. Fato que pode eventualmente nos fazer transcender os limites disciplinares, tomando de empréstimo métodos ou conceitos próprios de outras áreas.

Ao nos apropriarmos da linguagem de especialidade, oferecida pelos estudos elaborados sobre o assunto, almejamos também contribuir para o fortalecimento do saber

³ Em outras palavras, é imprescindível que os objetos submetidos à análise se comportem como testemunhas fidedignas (Stengers, 1990).

científico no que concerne às coleções familiares. Para tanto, iremos nos voltar para os atributos do patrimônio. Ainda considerando metodologicamente nosso empreendimento, procuraremos analisar nos objetos da coleção familiar em apreço as relações entre eles e as conjunturas em que a coleção foi formada. E se pensarmos, ainda, na relação – para nós orgânica ou constitutiva – entre coleção, memória e patrimônio, verificamos que esta, em mais de um sentido,

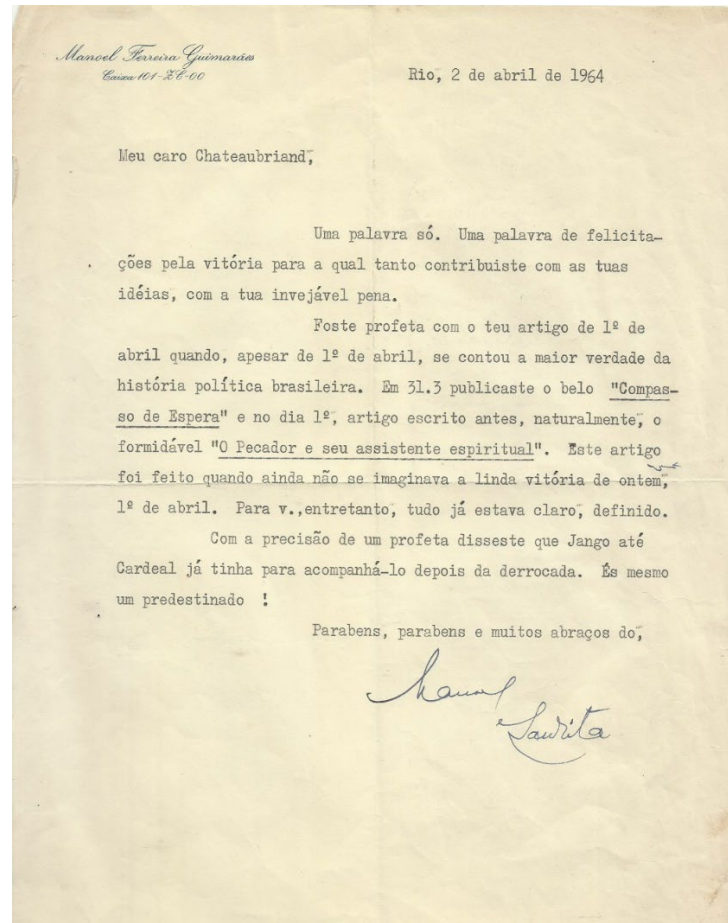
[...] possui função de comunicação entre as gerações, pois realiza a transmissão de um modelo existencial/normativo (do mundo natural associado ao social) à maneira da já citada passagem da recordação. Comporta o conjunto das Manifestações Culturais relacionadas aos comportamentos sociais (Agir/práticas coletivas) e às mentalidades (Pensar/representações mentais coletivas) e, retornando à fala de Bourdieu, pode-se dizer que sua ambiência envolve o relacionamento simbólico das estruturas mentais e sociais (Lima, 2008, p. 38).

Em termos mais abrangentes, uma coleção pode ser comparada a um conjunto em geral aberto ou, quando se trata de museu, a uma macrocoleção no interior da qual se inserem outras coleções. Evidenciamos o que consideramos ser as características das coleções familiares: a capacidade de ser mensageira entre gerações da mesma família, e de comunicarem, de forma muitas vezes bastante intensa, diversas relações entre os pares da época. É sob essa perspectiva que analisaremos o item que selecionamos da coleção MFG.

2.1 Aplicando conceitos e linguagem técnica na análise

Ao enfocarmos a coleção MFG, além de problematizarmos os pontos anteriormente citados, estamos particularmente interessados, dadas as características históricas e políticas do colecionador, em verificar a sua relação as diversas conjunturas nacionais e, em particular, com o golpe civil-militar de 1964. Para tanto, buscamos na coleção as evidências documentais que mostrem de que modo MFG solidarizava-se com os ideais do golpe. Em virtude disso, destacamos, a título de exemplificação, o documento abaixo (figura 1).

Figura 1 – Carta enviada por Manoel Ferreira Guimarães à Assis Chateaubriand



Fonte: Coleção MFG (Acervo pessoal).

A correspondência acima, datada de 2 de abril de 1964, dentre outras tantas que compõem a coleção, não deixa dúvidas quanto ao fato de que este empresário comungava dos mesmos ideais político-ideológicos de Assis Chateaubriand⁴.

Esta e outras manifestações de MFG, em associação com Chateaubriand, são esclarecedoras da participação, no golpe que implantou uma ditadura militar no Brasil de 1964

⁴ A relação de amizade e admiração recíproca entre MFG e Chateaubriand fica bem explícita na correspondência entre eles. Muitas vezes, o teor das cartas de MFG, endereçadas a Chatô, se refere a artigos publicados por este último. E é também desta maneira que o alinhamento político-ideológico entre eles se evidencia. A carta acima comenta, em termos elogiosos, artigo de Chatô em que este louva o golpe de estado de 1964.

a 1985, de estratos da população civil. Em particular, a fração relacionada ao empresariado, a qual MFG e Chateaubriand pertenciam.

Em vista disso, a perspectiva analítica aqui adotada, e em virtude da documentação disponível na coleção MFG, alinha-se à de Esther Kuperman (2016), ao considerar o golpe civil-militar de 1964, como sendo resultado de uma ação conjunta, e de forma protagonista, realizada por militares e estratos da população civil, dentre os quais um dos mais ativos era o formado por parte do empresariado brasileiro, indivíduos que, à época, eram detentores dos meios de produção e de comunicação. Assim, para deixar claro nosso recorte – quanto aos segmentos da sociedade civil que participaram do referido golpe -, passaremos a identificá-lo como civil (empresarial)-militar.

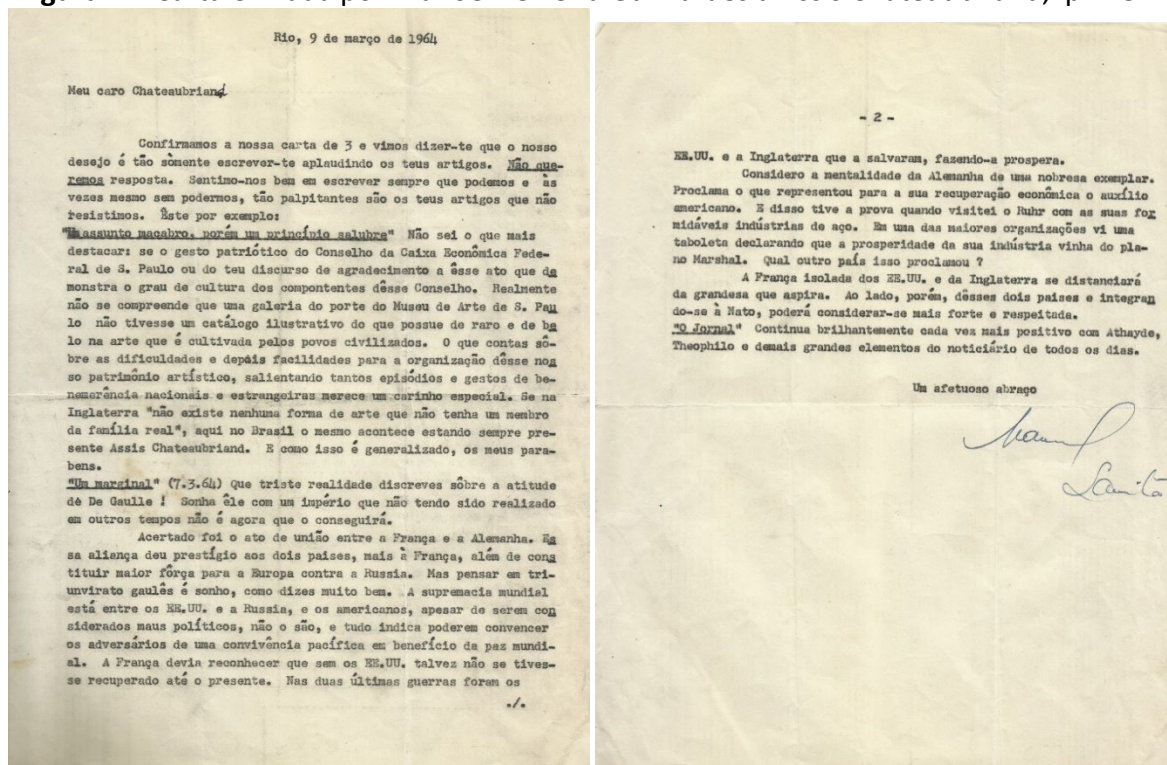
Alinhando essa perspectiva historiográfica com questões metodológicas mais diretamente afetas à museologia e ao patrimônio, e com o intuito de demonstrar a importância do uso de recursos e linguagem técnica na análise de coleções familiares, e em virtude da exiguidade do espaço, destacaremos apenas um trecho de outro item da coleção MFG, a saber, uma carta (Figura 2) enviada por este a Chateaubriand em 09 de março de 1964.

‘Um assunto macabro, porém um princípio salubre’⁵ – Não sei o que mais destacar: se o gesto patriótico do Conselho da Caixa Econômica Federal de S. Paulo ou do teu discurso de agradecimento a esse ato que demonstra o grau de cultura dos componentes desse Conselho. Realmente não se compreende que uma galeria do porte do Museu de Arte de S. Paulo não tivesse um catálogo ilustrativo do que possui de raro e de belo na arte que é cultivada pelos povos civilizados. O que conta sobre as dificuldades e depois facilidades para a organização desse nosso patrimônio artístico, salientando tantos episódios e gestos de benemerência nacionais e estrangeiras, merece um carinho especial. Se na Inglaterra “não existe nenhuma forma de arte que não tenha um membro da família real”, aqui no Brasil o mesmo acontece estando sempre presente Assis Chateaubriand. E como isso é generalizado, os meus parabéns (trecho transcrito da figura 1, mantendo a grafia original).

⁵ Título que faz uma alusão à postura de Juan Trippe, diretor da Pan American, durante encontro com Chatô no qual priorizou uma reunião sobre um cemitério à desfrutar a refeição que faziam demonstrando sua defesa da propriedade privada até mesmo de restos mortais, ou seja, nem os cadáveres entrega ao Estado.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Figura 2 – Carta enviada por Manoel Ferreira Guimarães à Assis Chateaubriand, p. 1 e 2



Fonte: Coleção MFG (Acervo pessoal).

Ao analisarmos o trecho transcrito de uma carta pessoal entre amigos, inicialmente a observamos sob outro ângulo, o de que se trata um objeto pesquisa. Neste sentido, pomonos sob a perspectiva de tratar o familiar como estranho, ou, a de afastar criticamente de nós aquilo que nos é próximo. Esta análise certamente irá agregar outras camadas de valor ao documento, a partir do momento em que mergulhemos em outras fontes, em busca de compreender melhor as informações que a partir dele podemos obter. Com este propósito, e explorando os processos documentais pertinentes aos campos da museologia e patrimônio, mostramos abaixo (Figura 2), as matérias às quais o remetente se referiu no trecho selecionado, publicadas no 4º caderno de edição de O Jornal.

Na primeira, com o título destacado, Assis Chateaubriand reproduz o discurso lido durante a homenagem feita ao Conselho Diretor da Caixa Econômica Federal de São Paulo -

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

CEFSP pelo Museu de Arte de São Paulo – MASP⁶. No texto, Assis Chateaubriand relata os trâmites e intercorrências que pautaram o período que antecedeu à inauguração do MASP. Já na segunda, e que ajuda a contextualizar esse diálogo entre GMG e Chateaubriand, mencionase o jantar em que essa homenagem citada foi feita.

Figura 3 – Artigos citados no trecho selecionado da correspondência



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Voltemos, então, nosso foco, para as constatações que a busca cruzada em diferentes fontes nos proporcionou alcançar a partir do texto escolhido. Com intuito de contextualizar o cenário político-histórico da época, e considerando a data da carta (9 de março de 1964), e dos artigos que, embora publicados na edição do dia 6 de março, foram escritos nos dias

⁶ Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), primeiro museu moderno do país, é uma instituição privada e sem fins lucrativos, fundada, em 1947, pelo empresário brasileiro Assis Chateaubriand. Entre os anos de 1947 e 1990, o crítico e marchand italiano Pietro Maria Bardi assumiu a direção do MASP a convite de Chateaubriand. As primeiras obras de arte do museu foram selecionadas por Bardi e adquiridas por doações da sociedade local, formando o mais importante acervo de arte europeia do Hemisfério Sul. Hoje, a coleção reúne mais de 11 mil obras, incluindo pinturas, esculturas, objetos, fotografias e vestuários de diversos períodos, abrangendo a produção europeia, africana, asiática e das Américas.

quatro e cinco, respectivamente, não se pode deixar de apontar que o país se encontrava a menos de um mês da deflagração do golpe civil (empresarial)-militar de 1964.

Devemos reiterar, todavia, que nossas considerações quanto à adesão tanto de Chateaubriand quanto de MFG ao ideário desse golpe de estado não advêm apenas do que podemos deduzir dos trechos mencionados, pois são sustentadas por outras evidências encontradas em muitos itens da coleção MFG nos quais notamos um diálogo entre esses dois importantes representantes do empresariado brasileiro, e nos quais, especialmente da parte de MFG, há como um espelhamento de diversas manifestações públicas de Chateaubriand.

Na correspondência selecionada, é possível notar que a admiração de MFG por Chateaubriand estendia-se, igualmente, às contribuições que, de acordo com MFG, Chateaubriand fazia ao patrimônio artístico brasileiro. Nesse contexto, foi possível compreender que ele tinha uma relação não somente com Chatô, como também com a nata econômica de São Paulo e o MASP propriamente dito. Entretanto, ao enaltecer o nível cultural dos conselheiros da CEFSP, MFG permite-se dirigir-lhe uma crítica, ao reforçar o quanto era necessário que o catálogo da coleção fosse publicado.

Sobre este tópico, consideramos relevante citar textualmente MFG, cuja palavras foram: “realmente não se compreende que uma galeria do porte do Museu de Arte de S. Paulo não tivesse um catálogo ilustrativo do que possui (sic) de raro e de belo na arte que é cultivada pelos povos civilizados”⁷. Esta correspondência pessoal expõe o quanto a influência e atuação do destinatário eram consideradas relevantes para o patrimônio artístico brasileiro. Mas, revela também que, ou o remetente desconhecia que o primeiro catálogo ilustrativo do MASP fora publicado em 1951, ou, criticava o fato de que, em meados de 1960, aquele catálogo, provavelmente, já não atenderia à realidade do acervo que, obviamente, continuou crescendo e incorporando, por exemplo, algumas obras como as que elencamos abaixo, dentre as quais, algumas possivelmente não constavam do referido catálogo:

⁷ De um ponto de vista estritamente museológico, vale a pena destacar, deste trecho, o fato de MFG tratar o Museu de Arte de São Paulo como “galeria!”.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Quadro 1 – Algumas obras das 622 adquiridas entre 1951 e 1964

TÍTULO	AUTOR
Corrida de touros	Luis Fernández Noseret (Madri, Espanha, 1828)
La bella Simonetta	Aprigliano (La Spezia, Itália, 1892 - 1975)
1 tomate + 8	Concetto Pozzati (Vò Vecchio, Itália, 1935)
Duas vacas	Alexandre Defaux (Paris, França, 1826 - 1900)
Maternidade	Giuliano Vangi (Barberino dal Mugello, Itália, 1931)
Cabeça humana e bode	Fernando Grillón (Assunção, Paraguai, 1931)
O lavrador de café	Candido Portinari (São Paulo, Brasil, 1903 - Rio de Janeiro, Brasil ,1962)
Lisboa das velhas fontes	António Soares (Lisboa, Portugal, 1894 - 1978)
Cabeça	Alberto Bernini (Florença, Itália, 1892)
Autorretrato	Maria Luísa de Romans (Milão, Itália, 1923)
Retrato de Luís XVI	Antoine-François Callet (Paris, França, 1741 - 1823)
Bailarina de catorze anos	Edgar Degas (Paris, França, 1834 - Paris, França ,1917)
Cachoeira de Paulo Afonso	Frans Post (Haarlem, Holanda, 1612 - Haarlem, Holanda ,1680)
Madame G. van Muyden	Amedeo Modigliani (Livorno, Itália, 1884 - Paris, França ,1920)
Dois cavaleiros	Mikhail Larionov (Tiraspol, Moldávia, 1881 - Paris, França ,1964)
Busto de homem (o atleta)	Pablo Picasso (Málaga, Espanha, 1881 - Mougins, França ,1973)
A eterna primavera	Auguste Rodin (Paris, França, 1840 - Meudon, França ,1917)

Fonte: Acervo | Collections Management – MASP.

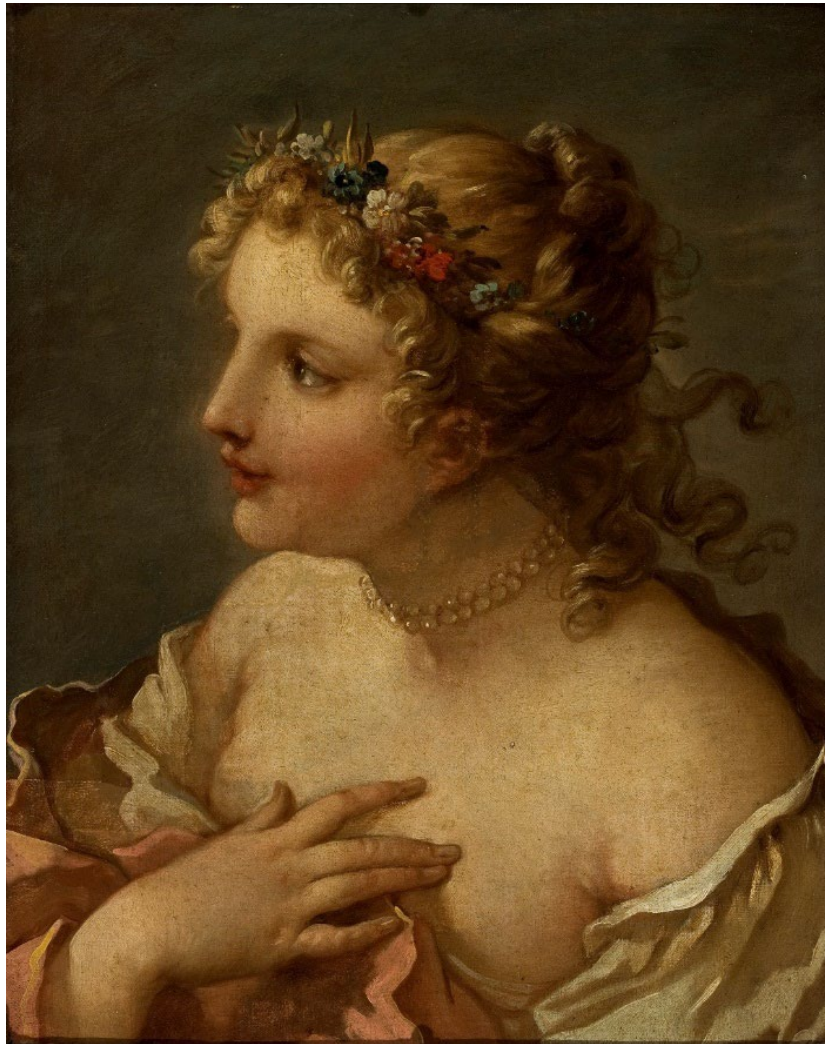
Em meio à busca ativa realizada para identificar algumas das obras adquiridas posteriormente à publicação do catálogo ilustrativo, doado pela CEFSP, foi possível comprovar a suposição de que havia uma relação entre MFG e o MASP, evidenciada pela doação que o empresário fez da tela abaixo:

Quadro 2 – Ficha técnica

DADOS TÉCNICOS	
AUTOR	François Boucher (Círculo de)
TÍTULO	Figura de moça
DATA DA OBRA	1750-80
TÉCNICA	Óleo sobre tela
DIMENSÕES	48 x 38 x 2 cm
AQUISIÇÃO	Doação Manoel Ferreira Guimarães, 1951
DESIGNAÇÃO	Pintura
NÚMERO DE INVENTÁRIO	MASP.00035
CRÉDITOS DA FOTOGRAFIA	João Musa

Fonte: Site MASP.

Figura 3 - Figura de moça, de François Boucher (Círculo de)



Fonte: Site MASP

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados alcançados neste exemplo utilizado, ficou evidente que o cruzamento de dados enriquece e nos conduz a identificar com mais clareza os valores atribuídos a um objeto, bem como o potencial, ou não, de passar pelos processos de musealização ou de patrimonialização. Sendo assim, uma simples correspondência entre dois amigos que tiveram um papel significativo na sociedade brasileira, pode vir a ser um documento que comprove, conquanto seja submetido à crítica, outros aspectos menos visíveis, como, por exemplo, o poder de influência que eles tiveram sobre a população brasileira, principalmente até meados da segunda metade do século XX.

Além disso, revela o quão importante é este tipo de coleção, que longe de ter um valor oficial, já que, em geral, fica restrita à família, uma vez preservada, analisada e exposta demonstra ter potencial para esclarecer diversos pontos sobre a dinâmica da sociedade que, de outro modo e, com base apenas em outras categorias documentais, poderiam permanecer ignorados. Coleções familiares, ainda que não tenham sido propositalmente compostas com essa finalidade, possuem este atributo de revelar também entrelinhas, subjetividades e tendências que talvez não pudessem ser obtidas em documentos de instituições. Obviamente que, uma vez retiradas de seu ambiente familiar, e sob o escrutínio da metodologia e do complexo teórico-conceitual disponível, podem contribuir, igualmente, para estimular outras pesquisas a poderiam ser feitas em coleções particulares de cunho familiar.

Em relação especificamente à coleção MFG, ainda em posse familiar, antevê-se alguns destinos possíveis. Considerando sua potencialidade documental e histórica, uma possibilidade seria encaminhá-la ao Arquivo Nacional, onde então receberia tratamento técnico arquivístico adequado, pondo-se, em seguida, a serviço do interesse público e, especificamente, de pesquisadores. No entanto, enquanto atuantes nos campos da museologia e do patrimônio, nossa atenção, tanto em relação a esta, quanto em relação às demais coleções familiares, um aspecto que nos preocupa se refere à sua musealidade e patrimonialidade e, enfim, à possibilidade, in situ ou ex situ, de sua musealização, ou, igualmente, de sua patrimonialização.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: Benjamin, Walter. **Magia e técnica; arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

BORGES, Luiz C. **A fala instituinte do discurso mítico guarani mbyá**. 199. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/94143/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20O%20Poder%20Simb%C3%B3lico.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

CALLATAÏ, Françoise. De la collection à la prison. Tentative de classement psychanalytique des excès bibliophiliques. *In*: DAVID, Geraldine; MAIRESSE, François. (org.). **Collectionneurs et psyché**: Ce que collectionner veut dire. Bruxelles: Bibliotheca Wittrockiana, 2020. p. 33-47.

COUTINHO, Paula Andrade. **Do palacete ao castelo**: estudo da trajetória do colecionador Henry Joseph Lynch. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

COUTINHO, Paula Andrade; RANGEL, Márcio Ferreira. Biblioteca privada e marca de propriedade: da reunião à sua dispersão. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 35, n. 2, p. 128-143, jul./dez. 2021.

KUPERMAN, Esther. Revisitando o golpe. *In*: STAMPA, Inez; RODRIGUES, Vicente. (org.). **Ditadura e transição democrática no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2016. v. 1, p. 65-72.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. **Museologia e Patrimônio**: revista eletrônica do Programa de PósGraduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008, p. 33-43. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização e patrimonialização: formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO-ENANCIB, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANCIB, 2014, p. 4335-4355. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/189374> Acesso em: 20 set. 2023.

MENESES, Ulpiano. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista estudos históricos**: arquivos pessoais, v.11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206>. Acesso em: 26 dez. 2023.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. v.1, p. 51-86.

STENGERS, Isabelle. **Quem tem medo da ciência?**: ciência e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.